

## **Rezando em *busca da visão*: narrativas e performances rituais no Fogo Sagrado.**

Aline Ferreira Oliveira

mestranda UFSC

**Resumo:** Focarei em aspectos estéticos e semânticos das dinâmicas rituais de um movimento espiritual internacional conhecido como Fogo Sagrado, destacando os “rezos” produzidos no contexto de experiências iniciáticas da “busca da visão” - um retiro de vários dias em jejum na mata, que se dá num evento anual envolvendo rituais como o “temazcal”, uma espécie de sauna, e a “cerimônia de medicina”, em que se usam tabaco, ayahuasca, água e alimentos -, em eventos em que múltiplos meios comunicativos (como variações de luz, espaço, temperatura, cheiros, gostos, sons, ritmos, etc.) são acionados na produção de uma experiência intensificada que envolve o cantar e rezar com a participação ativa de todos os presentes. Nesse contexto, o uso do tabaco estabelece turnos de fala em que os participantes comunicam suas experiências através dos “rezos”: pedidos e agradecimentos num *evento narrativo* em que a construção de reflexões e a negociação dos significados envolvem dramas, risos, choros, monotonias e intensidades.

**Palavras-chave:** narrativas, rituais, neo-xamanismo.

Neste trabalho tenho por objetivo retomar uma das reflexões da pesquisa que realizei na graduação (Oliveira, 2009-a), de como são utilizados diversos meios para produzir uma *experiência em relevo*<sup>1</sup> em contextos rituais de um movimento espiritual internacional conhecido como Fogo Sagrado ou Caminho Vermelho, em que as narrativas são recursos elementares usados pelos *performers* que rezam, interpretando suas experiências.

Das práticas impulsionadas pelo Fogo Sagrado<sup>2</sup>, podemos destacar um aspecto central que é o uso do tabaco – com o qual se fazem “rezos”, que basicamente são

---

<sup>1</sup> Bauman definiu performance como um evento comunicativo que tem o poder de evocar a experiência em relevo como “consequência dos mecanismos poéticos e estéticos produzidos através de vários meios comunicativos simultâneos”, em que as qualidades expressivas, emotivas e sensoriais suscitadas pela performance são o centro da experiência (Langdon, 2007:3).

<sup>2</sup> O Fogo Sagrado, também conhecido como Fogo Sagrado de Itzachilatlan, tem sua fundação institucional no início da década de 80 nos Estados Unidos impulsionada por um mexicano, Aurélio Tekpankalli, atual líder espiritual mundial desse movimento que se encontra em vários países do continente americano e europeu. No Brasil, o Fogo Sagrado tem como seu representante, Ehecateotl, e

agradecimentos e/ou pedidos ao Grande Espírito – e pontuar que todas essas práticas de algum modo envolvem a produção de corpos que experienciam intensidades<sup>3</sup>, tais como na “chanupa”, com o uso de um cachimbo (chanupa) para rezar tabaco que veicula o uso da “palavra” expressando o “coração”; o “temazcal”, uma espécie de sauna aquecida com pedras quentes numa estrutura circular, baixa e escura chamada “inipi”; a “cerimônia de medicina”, em que se usam sacramentalmente o tabaco, a ayahuasca, a água e os alimentos; a “dança do sol”, em que se dança por quatro dias em jejum, do nascer ao pôr do Sol; e a “busca da visão”, uma iniciação que se dá em quatro etapas, uma a cada ano, e consiste em fazer jejum a seco em isolamento na mata.

### **Subindo a montanha**

A experiência de busca de visão é também chamada de “subir a montanha”. No Brasil, esse ritual é realizado anualmente no planalto serrano catarinense, numa fazenda chamada de Segualquia (Caminho ao Céu). Experienciar a “subida da montanha” é um dos aspectos centrais nesse complexo de rituais do Fogo Sagrado, na medida em que é no processo de quatro anos de iniciação que o participante passa a ser reconhecido como “carregador de chanupa” – quando recebe um cachimbo podendo realizar rituais com tabaco – e, uma vez completadas essas quatro etapas<sup>4</sup>, é designado apto a ser um “temazcalero”, e assim, a “correr” (conduzir) temazcais.<sup>5</sup>

A “semente” (o buscador) é “plantada” (levado) num “espaço” na “montanha” por integrantes do “apoio” (amigos, familiares, etc.). Recomenda-se que o buscador não leve mais do que duas cobertas, uma lona e muda de roupa: considera-se que a eficácia da “ferramenta” da busca de visão reside em que, isolado na mata, o buscador não dispõe de meios que possam “distrá-lo” (como objetos, pessoas, intensa mobilidade),

---

compõe-se principalmente de participantes oriundos da classe média urbana, que, com distintas formas de adesão, passam a participar de práticas que tem seus modelos inspirados em rituais indígenas norte-americanos, recombinao elementos de diversos contextos culturais da meso-américa, dos Andes, dos movimentos da Nova Era, etc. Especificamente no Sul do Brasil, também participam dos rituais do Fogo Sagrado, membros da religião ayahuasqueira do Santo Daime de uma comunidade em Florianópolis e os Guarani de uma aldeia de Biguaçu-SC, que passam a iniciar-se e conduzir alguns de seus rituais.

<sup>3</sup> Para uma reflexão sobre o tema (ver Oliveira, 2009-b).

<sup>4</sup> A primeira etapa de busca de visão consiste em quatro dias, a segunda em sete, a terceira em nove, e a quarta em treze dias. Em qualquer uma delas, os primeiros quatro dias são sempre em total silêncio, sem qualquer contato com alimentos (que passam a ser recebidos a partir do quinto dia, em pequenas quantidades, segundo cada etapa: chá, frutas, água, carne, milho). Após passar por um processo ritual, em cada etapa o “buscador” é levado a um espaço na mata, onde, em torno dele é estabelecido o espaço que limita a área onde deverá permanecer – sendo este demarcado por um “cordão de rezos” (um fio em que são enlaçadas 365 trouxinhas de pano com tabaco rezado pelo buscador).

<sup>5</sup> A forma de conduzir esses rituais é assimilada, sobretudo, pela experiência em participar dessas práticas ao longo desses anos.

trazendo “clareza” na observação e percepção da própria vida. Assim, a busca é relacionada como um momento para rezar, “conectar-se” com a “totalidade”, em que o experimentar “incômodos” como sede, fome, frio, “pensamentos”, sensações de medo, etc. traz “visões”, ou seja, mudanças de perspectivas que mobilizam novas formas de perceber a si mesmo e ao mundo.

### **Rezos cantados, cantos rezados.**

O processo ritual de busca da visão envolve a participação em cerimônias de medicina e temazcais. O evento, que dura em torno de quinze dias, inicia e termina com “cerimônias de medicina” que fazem parte da “orientação” dada pelos líderes espirituais a respeito da experiência de busca da visão.

A cerimônia de medicina acontece no *Opy* (“casa de reza Guarani”): um espaço circular, com paredes de madeira, teto de palha e chão de terra.<sup>6</sup> A cerimônia de medicina dura a noite inteira e termina bem depois do dia raiar.<sup>7</sup> Sua dinâmica ritual consiste numa seqüência em que são honrados os “sacramentos” - tabaco, ayahuasca, água e alimentos – em que se alternam os cantos e os rezos, sendo estes marcados pelo uso da palavra por parte daquele que tem o tabaco aceso na mão. Com base nessa premissa, são distintos os momentos rituais em que os participantes expressam-se verbalmente, seguindo um padrão sob o qual poderíamos caracterizar esse “gênero performático” que eventualmente vale-se de narrativas.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> No centro há o fogo, com as toras dispostas em forma de uma flecha (Λ) ao centro do “altar da meia-lua” onde os objetos rituais – tais como bolsas de tabaco, ervas (cedro), resinas (copal), instrumentos musicais, peles de animais, baldes de prata e bronze com água, copos e jarras com ayahuasca, etc. – são meticulosamente posicionados, considerando aspectos estéticos das estruturas rituais do Fogo Sagrado, tais como as “quatro direções” e a “linha” (imaginada) que conecta horizontalmente os três ambientes rituais (o centro do círculo da dança do sol, do *Opy*, e do *Inipi*, onde se fazem os temazcais), e os diversos elementos que orientam a forma de se movimentar pelo círculo. O próprio termo usado para forma como são conduzidos os rituais é chamado de “desenho”. Sugiro, portanto, pensar que há uma cosmografia, em que termos êmicos como “estar alinhado” expressa como os participantes do Fogo Sagrado se valem de figuras de linguagem gráficas para expressar formas de ser e estar no mundo.

<sup>7</sup> Vale destacar que o tomar da amarga bebida que é a ayahuasca potencializa uma experiência sinestésica, em que o cantar, o rezar, o escutar (ritmos, sons, como a lenha queimando, os passos dados no ambiente, etc.), o visualizar (como nas figuras feitas de brasa – água, coração, garras, borboletas, etc.- sob as quais as ervas transformam-se em fumaça), e o saborear, seja em aromas ou com alimentos... dão-se numa intensidade e temporalidade não ordinária.

<sup>8</sup> Quando me refiro aos rezos nesse trabalho, restrinjo-me a seu significado como manifestação verbal, embora haja de se considerar que o “rezo”, sendo assimilado às “intenções”, pode ser feito em atos corporais, pensamentos, atitudes, etc. Portanto, vale mencionar brevemente outra prática central nos rituais, que são os cantos guiados pelo chocalho na mão daquele que canta, e acompanhados pelo tocar do tambor de outro participante. Os instrumentos são reverenciados e passados por todos, portanto o papel de “puxador” circula, enquanto os demais, que acompanham os cantos, devem procurar deixar que a voz

Podemos destacar o momento ritual em que a “palavra está aberta a todos” os participantes, que iniciam os rezos com uma saudação (e suas variantes): “Aho Mitakuye Oyasin!<sup>9</sup>”, “Aho Grande Espírito”, etc. Em seguida, os demais participantes, complementam em uníssono: “Aho!”. Finalizado o rezo, o participante pronuncia “aho metakiase”, e, em seguida, os demais: “Aho!”. Essa expressão é repetida diversas vezes durante os rezos, após afirmações que os participantes concordam ou querem reforçar.<sup>10</sup> Portanto, a figura do rezador circula entre várias vozes, e os rezos referenciam uns aos outros, negociando os significados.

### **Descendo a montanha**

O temazcal é o ritual que demarca o início e o término da experiência ritual de busca de visão: por meio da enunciação do início do recolhimento, a “palavra é retirada”.<sup>11</sup> Após o período de retiro de 13 dias os buscadores são conduzidos em direção ao Opy, sendo coroados com flores e recebidos com pétalas jogadas ao ar ao

---

deste esteja em evidência. Na cerimônia de medicina, aquele que vai cantar, firma o bastão no chão em direção ao fogo, e com a perna dobrada, inicia o canto apenas com o chocalho. Essa posição evidencia a ênfase de que fazer um rezo (nesse caso, um canto) é como “atirar flechas” que podem ir a todas as “direções”. Isso nos remete a uma concepção de que o canto, quando direcionados para os buscadores em retiro, atuam também como alimentos. Os cantos variam entre hinos do Santo Daime, cantos Guarani, e cantos do “Caminho Vermelho” (que podem ter trechos em português, inglês, lakota, espanhol, quéchua, etc.), com conteúdo semântico bastante diverso (com referência aos “quatro elementos”, “direções”, a animais, e elementos de cosmologias norte-americanas (Wakan Tanka), meso-americanas (Tonazin, Tonatil, Ometeotl, Wiricuta, etc.), afro-brasileira (Oxum, Ogum, etc.), e de valores centrais nas culturas espirituais da Nova Era (vinculadas a idéias de transformação, sacralização da natureza e do *self*, etc.) (Amaral, 2000).

<sup>9</sup> No Fogo Sagrado essa expressão é pronunciada como Aho Metakiase, porém é utilizada a grafia Aho Mitakuye Oyasin. Notam-se diferenciações nessa expressão, por exemplo, sendo freqüente as mulheres pronunciarem enfatizando o gênero feminino: “aha”.

<sup>10</sup> Notam-se variadas ênfases, extensões e entonações ao falar essas expressões (“aho” e “aha”), algumas reforçando, com suavidade, e outras com maior intensidade e entusiasmo. Em alguns casos, escutam-se expressões como: “aaaham”, “hammmm”, “uhum” “hum”, que remetem ao “aho” e a expressão “aham”, transmitindo concordância e compreensão. Assim, essas expressões não apenas sinalizam a concordância, como dão força ao que está sendo rezado – são, portanto, uma forma de se rezar em conjunto. Isso nos coloca a questão que para além da negociação do conteúdo semântico dos rezos, estes seguem um fluxo em que o rezador central está constantemente sendo complementado pelos demais, criando uma estética com ritmos, melodias e andamentos particulares, vinculados ao uso do tabaco sendo fumado, provocando pausas, às vezes verbalizações lentas com vozes murmuradas em volume baixo (e longos tempos de silêncio) bem como expressões bastante usadas no meio – como “dizer assim que” ou “de alguma maneira” – que criam uma melodia específica tornando-se ferramentas retóricas que chamam a concordância dos demais não apenas no conteúdo, mas na forma. Ou seja, há uma musicalidade nos rezos, em que aquele que está com a palavra é constantemente acompanhado (ou não) por outras vozes, ou mesmo no rezo em silêncio – colocando em evidência uma “audiência” que, ainda que silenciosa, é ativa na produção da mensagem (Schieffelin, 1998).

<sup>11</sup>A “retirada a palavra” sinaliza o início do retiro em jejum, produzindo formas de ser e estar dos corpos em condição liminar: os buscadores não podem ser tocados, evitam gesticular, os olhares são desviados, produzindo uma minimização na interação (Oliveira, 2009).

som de cantos e instrumentos guarani. Em seguida, os buscadores e demais participantes do evento se dirigem ao inipi para o “temazcal de descida da montanha”, quando os buscadores rezam, interpretando suas experiências e utilizando-se de recursos poéticos e estéticos envolvendo os demais em suas narrativas<sup>12</sup>.

Geralmente a quantidade de participantes faz com que se disponha de um espaço restrito para se acomodar no chão. Os olhares costumam ser direcionados ao centro (às pedras), ao chão, etc.: a tendência não é de visualizar quem reza, senão acompanhar os rezos na escuta.<sup>13</sup> Acendida a “chanupa”, está “devolvida a palavra”. Destaco assim, o rezo feito por um buscador<sup>14</sup> (e em colchetes, as interações dos demais participantes):

Aho Grande Espírito!	[AHO!!]
Não sei ssei falar ainda mas	[risos]
Vou tentar	[uhum]
Sou mais dado a ouvir do que falar	
Mas a gente <i>tenta</i>	[risadinha]
Eu subi a montanha com a intenção de buscar algumas perguntas	
Cujas respostas eu já tinha comigo	[risos]
Só que as perguntas que eu tinha eram perguntas erradas pras respostas que eu tinha.	
Mas...	[risadinha]
na montanha de certa forma	
O entendimento vem da lagarta	[hm]
Todos os dias uma ou mais lagartas me visitavam	[hm/risadinha]
E a lagarta tem um...	

---

<sup>12</sup> Em diversos rezos pude perceber como há uma recorrência de fazer do drama, uma comédia, narrando momentos de tensão - como foram vivenciados em sensações corporais ou em diálogos que o sujeito trava consigo mesmo ou com outros (pássaros, espíritos, fogo, chuva, Grande Espírito, etc.) – e como eles são superados, momentos esses em que aparecem o relato das “visões”. As narrativas continuam emergindo em outros eventos e estabelecem *modelos de* compreensão *para* a atuação no mundo (Geertz, *apud* Langdon, 1999), remetendo a uma *práxis* em que a experiência de “busca de visão” e as “visões” são tidas como modelos simbólicos que orientam a ação em diversas situações cotidianas.

<sup>13</sup> Para entrar no temazcal, todos devem abaixar-se e dentro do inipi, andar engatinhando (expressão de humildade perante a todas as formas de vida, e de reverência “por todas as nossas relações”). Durante o temazcal oscilam a claridade e a total escuridão, altas temperaturas e frescor, num ambiente aromatizado por ervas e resinas que são depositados nas pedras que brilham incandescentes. Todo som é potencializado pela acústica do inipi que é baixo, circular e fechado, em que se condensam expressões de risos, choros, gemidos, soluços, agradecimentos, e, nos cantos, a força na alternância e complementos de vozes, no tremor do tambor, no guizo do chocalho, e nos acompanhamentos que cada um pode agregar (como por exemplo, espécies de gritos, como “EEEIA!!”).

<sup>14</sup> Dado: janeiro 2010.

Na vida dela, no processo dela,  
 ela não sabe o que vai acontecer pra frente. [hm]  
 Tá sempre atinando pra frente. [hm]  
 Ela não sabe o que vai acontecer com ela  
 Se uma borboleta chega pra ela e diz:  
 “Ó! Eu sou você amanhã!” [risos]  
 Ou  
 “Você é minha filha!”  
 Ela vai dizê:  
 “Ó! Tais me gozando!” [risos]  
 Então no processo da lagarta ela não sabe o que vai acontecer.  
 Então as respostas,  
 as perguntas pras respostas que eu tinha começou a fazer sentido no  
 entendimento do processo da lagarta.  
 Não sabendo o que vai acontecer amanhã  
 Ela também não tá preocupada com isso. [Uhum/uhum]  
 Pelo menos não vi nenhuma coçando a cabeça. [risos]

Com essa afirmação, os risos se generalizam e se estendem. Podemos sugerir que o buscador utiliza-se de recursos (como o *disclaming*), numa poética de certo tom cômico com seriedade, envolvendo os demais num fluxo narrativo acompanhado por ironias, risos, murmúrios, “ahos” – o que indica o papel ativo dos demais participantes que se envolvem achando graça. Percebemos assim, como a experiência de observar as lagartas emerge como *evento narrado* (Bauman, *apud* Hartmann) valendo-se de analogias da “visão” do buscador num *evento narrativo* em que diálogos entre lagartas e borboletas trazem reflexões sobre as transformações e a experiência de viver “o agora” sem precipitar-se diante do indeterminável.

## **Bibliografia**

- AMARAL, Leila. *Carnaval da alma. Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*, Petrópolis, Vozes, 2000.
- BAUMAN, Richard. 1977. *Verbal Art as Performance* Rowley, Mass, Newbury House

Publishers, Inc.

HARTMANN, Luciana. 2005. *Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai*. *Horiz. antropol.*, Dez 2005, vol.11, no.24, p.125-153.

LANGDON, E. J. 2007 *Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs*. *Antropologia em Primeira Mão*, v. 94, p. 1-34, 2007.

LANGDON, E. J. 1999 *A Fixação da Narrativa: Do Mito para a Poética de Literatura Oral*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 5, n. 12, p. 45-68, 1999.

OLIVEIRA, Aline Ferreira. 2009a. *No Caminho, em busca da visão: uma abordagem etnográfica das narrativas e performances rituais no Fogo Sagrado*. Trabalho de Conclusão de Curso/CFH/UFSC.

OLIVEIRA, Aline Ferreira. 2009-b. *Agência das medicinas, agência dos sujeitos: produzindo corpos intensivos e alter-ações no Fogo Sagrado*. In.: *Ponto Urbe* 4, ano 3, dez/2009.

SCHIEFELLIN, E. 1998. *Problematizing Performance*. In Hughes-Freeland, Felicia, 1998. *Ritual, Performance, Media*. ASA Monographs #35. Routledge. Pp. 194-207.